



GT 019. Antropologia dos estudos de folclore e cultura popular: imagem, corpo, ritual e performance.

Oswaldo Giovannini Junior (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a, Daniel Bitter (UFF) - Coordenador/a, Nilton Silva dos Santos (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Lea Freitas Perez (Ufmg) - Debatedor/a

Na história da antropologia brasileira, os estudos em torno das culturas populares ou folclore tiveram destaque, desenvolvendo um campo de pesquisa com especificidade epistemológica e metodológica. Este GT propõe retomar esta temática, valorizando trabalhos etnográficos com especial atenção aos processos de construção do corpo, das imagens e do espaço em diálogo com a antropologia simbólica e dos rituais. Corpos e paisagens constituem o locus de realização concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como também as condicionam. Seu registro imagético está presente nos estudos e expressões da cultura brasileira e é usado como recurso metodológico para a elaboração do conhecimento etnográfico. A proposta destaca 3 eixos de investigação etnográfica e teórica: 1- na direção de uma antropologia dos estudos de folclore, focalizando as categorias, valores e práticas dos principais atores que constituíram o campo; 2- no sentido do estudo de festividades, ritos e celebrações sob novos enquadramentos teórico-metodológicos de uma antropologia simbólica e/ou de rituais, da performance, da perspectiva da corporeidade e da antropologia da paisagem; 3- referente às relações metodológicas e epistemológicas nas fronteiras da antropologia e das artes visuais, sonoras, imagéticas, cênicas. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimensões e conexões com fenômenos contemporâneos da vida social.

?Matança? de Boi como play e ritual: antítese, agonística e agonia no Bumba-meu-boi de Fortaleza

Autoria: Thalyta Pinto Martins Vale

Este work aborda as relações entre espacialidade, visualidade e poder no contexto ritual da principal performance de Bumba-meu-Boi de Fortaleza, a “Matança” de Boi. Trata-se de uma festa de rua que combina música, dança, drama e comédia e se realiza anualmente em homenagem a São Sebastião, sobretudo em bairros “periféricos” da zona costeira oeste da cidade, onde residem a maioria dos brincantes de Boi. O foco da presente reflexão são ações e elementos simbólicos e poéticos que expressam, reforçam ou colocam em jogo posições de poder e estruturas estabelecidas dentro ou fora das fronteiras rituais. Parte-se do pressuposto de que a performance, enquanto “experiência emergente” (BAUMAN, 1977), é capaz de construir continuamente estruturas simbólicas, narrativas e sociais. Assim, para compreender o que ela diz sobre seu contexto social, o que cria nele e como movimenta relações de poder, articula-se a participação nos eventos, orientada pelo esforço de “análise situacional” (VELSEN, 2009), com a realização de entrevistas abertas com brincantes e a análise de registros imagéticos e audiovisuais, produzidos por mim em work de campo ou disponibilizados pelos grupos de Boi em páginas da Internet. Por ora, a pesquisa de cunho etnográfico tem proposto que a brincadeira do Boi, além de se constituir como um ritual estruturado por regras e etapas, organizado em torno de um “símbolo dominante” (TURNER, 2005), também possui muitas características que apontam para sua fluidez e para a proficuidade de ser analisada como “play” (SCHECHNER, 2002). Realizar o Bumba-meu-boi é jogar, no sentido amplo do termo, que funde jogo, teatro e brincadeira e pode envolver, a um só tempo, instabilidade criativa, disputa, voluntariedade, diversão e seriedade, tal qual na categoria de play. Considerando, como Schechner (2002), que a performance existe na tensão criativa entre ritual e play,



sugere-se que a oposição visual e espacial característica da Matança não expressa apenas antítese, com seus contrastes semânticos, mas também polariza desigualdades sociais e simboliza relações agonísticas, que são movimentadas em jogos de rivalidade e competição, onde se busca definir vencedores e perdedores. Mas o resultado não é somente determinado pela desenvoltura dos jogadores: ele se define pelo jogo teatral, com um fechamento previsto e ensaiado, e é também dependente da graça de santos e entidades, o que envolve a valorização simbólica da agonia e a encenação de sacrifícios. Todo este play, que se enquadra e se vive como uma outra realidade, na verdade, pode ser lido como parte de um jogo maior pela própria definição do “real” e das relações de poder entre diferentes agentes e coletividades dentro e fora do universo das culturas populares.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

